

Retro inovação: inovar, revisitando práticas do passado

Organizadores:

Isabel Dinis - Instituto Politécnico de Coimbra

Orlando Simões - Instituto Politécnico de Coimbra

Moderador: Isabel Dinis

A modernidade de práticas agrícolas tradicionais

Rosa Guilherme (rosa.guilherme@drapc.gov.pt) Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro, Centro de Recursos Naturais Ambiente e Sociedade (CERNAS), Portugal

A Revolução Verde foi responsável por mudanças profundas na produção agrícola e na produção animal. A maior disponibilidade de maquinaria e o recurso a técnicas mais eficazes permitiram o aumento da produtividade e a rentabilização dos recursos existentes. Contudo, ao longo do tempo, na sua ânsia de produzir cada vez mais o homem foi destruindo os recursos: solo, água e biodiversidade. Chegados ao século XXI somos obrigados a repensar as nossas atitudes. Num contexto de mudanças climáticas onde a incerteza é o fator marcante, torna-se fundamental colocar em prática uma agricultura baseada em princípios de adaptação, que reduzam os efeitos das adversidades climáticas e que garantam a produção de alimentos.

As correntes contemporâneas da investigação dos sistemas agrícolas evidenciam a importância de repor práticas agrícolas, algumas delas ancestrais, como forma de contribuir para a redução não só dos impactos ambientais como para a conservação e melhoria dos recursos essenciais para a nossa sobrevivência enquanto espécie. A incorporação de matéria orgânica no solo (o “mato” que os nossos avós iam buscar à floresta, e.g); a cobertura do solo com base em culturas melhoradoras como as leguminosas; a incorporação de adubos verdes; o recurso a rotações e a consociações adaptadas a cada local e a cada território surgem hoje como alternativas cada vez mais necessárias.

agentes de mudança; conservação; recursos naturais

Os sistemas agroflorestais de sucessão em Portugal

Pedro Mendes Moreira (pmm@esac.pt) Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior Agrária, Portugal; Ricardo Leitão (ricveigaleitao@gmail.com) Universidade de Coimbra, Centro de Ecologia Funcional, Portugal; Rosa Guilherme (rosa.guilherme@drapc.gov.pt) Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro, Portugal; Daniela Santos (dsantos@esac.pt) Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior Agrária, Portugal

Se bem que os sistemas Agroflorestais sejam prática comum em Portugal (e.g. Bordaduras dos campos agrícolas com vinha, Montado), algumas inovações desenvolvidas nas regiões tropicais tem vindo a ser adaptadas. Em particular destacam-se os Sistemas Agroflorestais de Sucessão, também designados de Sintrópicos. Estes têm como pilares a estratificação vertical e a sucessão natural de espécies biodiversas, com dinâmicas ao nível do espaço e ao longo do tempo, que procuram criar sistemas de produção de alimentos com elevada biodiversidade inspirados em ecossistemas florestais. Dois levantamentos de sistemas já implementados realizados, em 2019 e

2020, respetivamente, procuraram caracterizar a realidade portuguesa e tentar compreender as potencialidades e limitações desta nova abordagem agrícola e agroflorestal. Abordagem que foi complementada com a organização do “I Encontro de Sistemas Agroflorestais de Sucessão” onde foi evidenciado o impacto dos modelos agroflorestais no solo, o seu enquadramento político e acesso ao financiamento e o papel que a investigação científica e a inovação podem assumir como estímulos na otimização de soluções de base ecológica e na sua validação, particularmente no que diz respeito ao Modo de Produção Biológico (MPB).

Sistemas Agroflorestais de Sucessão (SAFS); Agricultura Sintrópica

Projeto VASO – Melhoramento Participativo de Milho com apetência para Broa, a procura de recursos genéticos com identidade para inovar o futuro da cadeia de valor

Pedro Mendes Moreira (pmm@esac.pt) Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior Agrária, Portugal; Carlota Vaz Patto (cpatto@itqb.unl.pt) Universidade Nova de Lisboa, ITQB, Portugal; Daniela Santos (dsantos@esac.pt) Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior Agrária, Portugal

O Projeto VASO iniciou-se nos anos 80 na região do Vale do Sousa em Portugal, com o objetivo de criar uma solução alternativa aos híbridos de milho importados e adaptados a sistemas monoculturais, i.e., melhorando as variedades tradicionais de milho com aptidão para “broa” (pão de milho), respeitando os sistemas tradicionais e o saber local e concomitantemente envolvendo os agricultores e outros atores na cadeia de valor.

Descrevem-se as linhas de ação prioritárias, desde a ignição do projeto até ao presente, assim como a componente transdisciplinar e multiator que o Projeto VASO tem tido como um dos projetos de melhoramento participativo mais antigo do mundo.

Melhoramento de Plantas Participativo; milho; broa; variedades tradicionais

Entre cultura e património: uma encruzilhada contemporânea nas denominações de origem

Orlando Simões (orlando@esac.pt) Centro de Estudos em Recursos Naturais, Ambiente e Sociedade (CERNAS), Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal; Isabel Dinis (idinis@esac.pt) Centro de Estudos em Recursos Naturais, Ambiente e Sociedade (CERNAS), Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal

Sob o ponto de vista antropológico a cultura de uma sociedade traduz o modo de vida dos seus cidadãos, nas suas mais diversas vertentes. Trata-se de um conceito multifacetado, dinâmico, produtor de bens efémeros e de fraco significado individual. Ao contrário, o património cultural é constituído por uma seleção de símbolos culturais de forte significância, fixados no tempo e transmitidos de geração em geração.

Durante séculos as produções agrícolas dominantes moldaram os ritmos e a forma de vida de várias gerações de camponeses. Nas últimas décadas, porém, os processos de industrialização da agricultura modificaram substancialmente os sistemas de produção tradicionais, colocando em risco a sua viabilidade económica. Para preservar e valorizar não só o património genético dos animais e plantas cultivadas, mas também o saber-fazer acumulado na sua produção, as Denominações de Origem vieram fixar no tempo uma forte ligação entre muitos produtos agrícolas específicos e os territórios de onde são originários.

Varias condicionantes, quer do lado da oferta, quer do lado da procura, têm colocado as denominações de origem numa encruzilhada entre seguir a dinâmica cultural associada a novas formas de consumo e a preservação do património associado ao modo de produção tradicional. Neste texto discute-se esta encruzilhada aplicada ao caso da denominação “Queijo Serra da Estrela” (QSE).

Cultura; Património; Denominação de Origem; Queijo Serra da Estrela